

Nixon na China*

Numa daquelas interessantes coincidências de que a história humana está repleta, neste primeiro quadrimestre deste ano de 2011 vieram a público dois trabalhos importantes sobre a célebre visita do presidente Richard Nixon à China, ocorrida em 1972.

Por Carlos Eduardo Lins da Silva**

Um deles é o livro *On China*, lançado em abril pela Penguin Books, escrito pelo principal arquiteto do degelo das relações entre EUA e China, o ex-secretário de Estado Henry Kissinger, que foi o primeiro emissário americano ao regime de Mao e que em quatro décadas visitou o país mais de 50 vezes.

O outro é uma ficção, a ópera *Nixon na China*, de Philip Glass, cuja produção no Metropolitan Opera de Nova York foi transmitida diretamente para plateias em dez cidades brasileiras em fevereiro.

A estreia de *Nixon na China* ocorreu em outubro de 1987 em Houston, Texas. Mas a estreia para o mundo foi em abril do ano seguinte, em Washington, quando o CD da ópera foi posto à venda, a rede pública de TV, PBS, a mostrou para os EUA todo e políticos e diplomatas, como os personagens da produção, a viram pela primeira vez.

O principal, Richard Nixon, era vivo e foi convidado para o camarote presidencial do Kennedy Center Opera House, o principal centro de artes da capital americana, batizado em homenagem ao homem que o derrotara na eleição presidencial de 1960.

Nixon recusou a honraria. Ele estava consolidando o lento processo de reabilitação de sua imagem pública, devastada após a renúncia no ápice do escândalo Watergate; pro-

* Ópera de John Adams, com libreto de Alice Goodman e direção de Peter Sellars, 1987, disponível em CD e DVD.

vavelmente temia ser ou vaiado ou friamente recebido pela audiência da liberal Washington.

Dizia-se que o ex-presidente também receava ter sido caracterizado de maneira sarcástica ou excessivamente crítica. Mas ele é tratado com respeito. O papel de vilão foi para Henry Kissinger.

Na noite de 26 de março de 1988, muitos na audiência riram com gosto com a representação histrionica de Kissinger. Mas alguns saíram antes do final, não por terem se ofendido com alusões a políticos, mas porque não gostaram muito da música.

Já os cenários, foram um sucesso: a cada ato, recebiam aplausos muito mais generosos do que os dados a intérpretes, compositor e diretor.

A produção deste ano em Nova York ocorreu num momento histórico muito diverso do da década de 1980, quando o presidente Ronald Reagan ainda falava do comunismo como “império do Mal”, a que a China, já sem Mao, indiscutivelmente fazia parte.

Agora, a China – embora permaneça uma ditadura de partido único – é um bastião do capitalismo mundial, a principal financiadora da dívida dos EUA, o maior destino das exportações brasileiras, o grande timoneiro dos destinos da economia global.

Quando ocorreu a viagem que motivou Adams, o diretor Peter Sellars e a libretista Alice Goodman a produzirem *Nixon na China*, as sociedades chinesa e americana estavam exauridas e precisavam uma da outra para se renovar, como realmente o fizeram.

Só quem sobrevive dos personagens que viveram os fatos inspiradores da ópera é Kissinger, que se recusou (como havia feito 24 anos antes) a se ver representado no palco. Seguramente, ele não teria gostado do que se mostrou.

Decerto, seu livro não é uma resposta à ópera. Mas, sem dúvida, o livro (esta *Revista* tratará dele numa de suas próximas edições) faz parte do cuidadoso legado que Kissinger tem deixado à história para tentar assegurar para si próprio uma imagem positiva nas gerações futuras.

O trio Adams, Sellars e Goodman contribuem para o arsenal dos não poucos inimigos de Kissinger, para quem ele é um dos grandes malfeitores do século XX.

Giuseppe Verdi, um dos grandes mestres em combinar paixões pessoais com conflito político e social na forma de ópera, dizia que “imitar a verdade pode ser bom, mas inventar a verdade é melhor”. Ele, no entanto, imitava ou inventava verdades sobre acontecimentos que haviam ocorrido milênios antes (*Nabucco*) ou séculos antes (*Don Carlos*). *Nixon na China*, quando foi escrita, tratava de eventos de apenas uma década atrás. E certamente inventa e imita verdades.

É óbvio que não se pode julgar o mérito de uma obra de ficção pela sua verossimilhança com a realidade, mesmo quando ela deliberadamente se vale de pessoas e acontecimentos reais, como neste caso. Ninguém vai à ópera com o objetivo de aprender história.

Usar fatos verdadeiros recentes, especialmente no caso de um gênero artístico considerado “velho”, como a ópera, tem claramente o objetivo de atrair audiências mais jovens e, com isso, rejuvenescer-se.

Mas como muitas testemunhas do que de fato ocorreu ainda estão na ativa (ainda que não mais seus personagens principais) e como é lugar-comum (ainda que equivocada) a noção de que a arte influencia muito a consciência coletiva, não faltaram ataques a *Nixon na China* na imprensa americana por apresentar uma visão distorcida do que aconteceu em 1972.

Esses ataques (entre eles o de Max Frankel, o ex-editor-chefe do *New York Times* que cobriu a viagem de Nixon para o jornal) são tão fúteis e inconsequentes como os dos que cobram precisão factual do samba-enredo de uma escola de samba no carnaval brasileiro.

Nixon na China é uma paródia da realidade, sem nenhuma pretensão de retratá-la com fidelidade nem de despertar nos espectadores a consciência do que foi aquele momento histórico.

Max Frankel critica, entre outros momentos da ópera, os versos “Eu me opunha à China/Eu estava errado” que o personagem Nixon canta em um dos encontros com os líderes chineses (“Ele [Nixon] não ofereceu aos seus anfitriões nenhuma confissão desse tipo”, garante Frankel, em artigo para o *Times* de 14 de fevereiro de 2011, como se ele mesmo – Frankel – pudesse oferecer tal garantia, já que, como repórter, obviamente não teve acesso às reuniões reservadas que o verdadeiro Nixon teve com Mao, Chou e outros).

Com mais substância e propriedade, o jornalista americano afirma que a ópera não foi “capaz de abranger a elegante diplomacia e os minuetos estratégicos encenados por Kissinger e Chou até levarem seus chefes, Nixon e Mao, ao seu grande encontro”.

O visual é a grande atração de *Nixon na China*: a coreografia, o cenário e os figurinos são os pontos altos do espetáculo. A música minimalista de Adams (quase uma contradição nos termos para o gênero, quase sempre grandioso) não é inspiradora, o libreto de Goodman não tem nenhum momento brilhante e a direção de Sellars é apenas correta.

Acima de tudo, no entanto, a ópera é cheia de incoerências internas. O primeiro ato se pretende descritivo (algumas das falas dos personagens são transcrições literais dos discursos pronunciados pelos personagens na realidade, a reconstituição da cena do desembarque de Nixon do “Spirit of 76”, como se chamava o avião presidencial americano na época parece uma cópia dos vídeos de 1972).

O segundo ato é surrealismo fantástico, delirante e quase incompreensível (embora ali estejam os melhores momentos de dança e cenografia).

O terceiro ato é introspectivo, cheio de alusões psicológicas de gosto e pertinência duvidosos (embora ali estejam os melhores versos, na boca de Chou En-lai: “Eu estou velho e não posso dormir/Para sempre como as crianças nem esperar/Que a morte seja uma novidade./Apenas uma vigília interminável, quando eu/Termino meu trabalho e vou para a

cama./Quanto do que fizemos foi certo?/Tudo parece estar além de nossas soluções.”).

É improvável que Chou tenha dito qualquer coisa parecida naqueles dias da visita da China ou mesmo na cama para a mulher, como a cena simula. Mas isso pouco importa. Reflexões desse tipo podem perfeitamente ter passado pela cabeça de qualquer líder nacional em qualquer país ou época e isso é um dos efeitos que a obra de arte deve provocar: fazer com que as pessoas pensem sobre si mesmas e sobre o que as cerca com profundidade que vá além da que se permite na correria dos afazeres cotidianos.

Max Frankel tem razão quando afirma que *Nixon na China* nem de longe consegue dar conta da complexidade extrema dos acontecimentos que antecederam a viagem nem de suas implicações à época ou depois. A ópera poderia pelo menos ter esboçado algumas das nuances que a cercaram.

O mais grave, no entanto, é que a ópera tampouco consegue grande sucesso no que se espera de um trabalho desse tipo: ativar emoções intensas, provocar reflexões não banais. É uma peça razoável de entretenimento, curiosa para quem se interessa por temas políticos e diplomáticos, mas pouco mais do que um passatempo não desagradável.

** Carlos Eduardo Lins da Silva é o editor desta revista.